



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS VII - CODÓ
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PATRÍCIA CONCEIÇÃO DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE
TIMBIRAS-MA E CODÓ-MA.**

CODÓ/MA
2020

PATRÍCIA CONCEIÇÃO DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE
TIMBIRAS-MA E CODÓ-MA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do curso
de Pedagogia da Universidade Federal
do Maranhão, campos VII, Codó, como
requisito para obtenção de grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof.Dr. Luís Henrique Serra

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Conceição da Silva, Patrícia.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O
QUE DIZEM OS PROFESSORES DE TIMBIRAS-MA E CODÓ-MA /

Patrícia Conceição da Silva. - 2022.

38 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó-MA, 2022.

1. Ensino de língua materna. 2. Professores. 3.
Variação Linguística. I. Serra, Luís Henrique, II.
Título.

PATRÍCIA CONCEIÇÃO DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE
TIMBIRAS-MA E CODÓ-MA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do curso
de Pedagogia da Universidade Federal
do Maranhão, campos VII, Codó, como
requisito para obtenção de grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Henrique Serra

Codó - MA, 18 de Julho de 2022

APROVADA EM: __/__/2022.

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Luis Henrique Serra – UFMA
Presidente

Maria Evelta Santos de Oliveira – SEMICTI-CODÓ
Examinadora

Theciana Silva Silveira – UFMA
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso. Ao meu orientador prof. Dr. Luís Henrique Serra, pelos ensinamentos, compreensão, dedicação e incentivo para realização do meu trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a toda minha família, minha filha Milena Cristina, meus pais Expedito Costa da Silva e Maria de Jesus Conceição da Silva, meus irmãos Abmael, Letícia, Elaine e Expedito que são a base de todas as minhas conquistas, sempre me apoiaram e incentivaram nos momentos difíceis. Agradeço também a Deuzimar Oliveira da Silva pelo incentivo e por toda ajuda.

Obrigada William Vieira de Abreu pelo companheirismo e apoio, obrigada também aos meus avós maternos, tios, primos e amigos que de alguma forma contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade. Por fim, agradeço a todo corpo docente da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó que contribuíram de forma significativa para minha formação.

A todos que me apoiaram durante essa trajetória, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo observar, a partir da perspectiva de professores de língua materna do ensino fundamental (series iniciais), como os temas da variação linguística e do preconceito linguístico têm sido trabalhados em escolas da rede pública nos municípios de Timbiras-MA e Codó-MA. A questão inicial é: de que modo as discussões sobre esses temas têm chegado à escola? De que modo as discussões sobre o preconceito linguístico têm se refletido na prática escolar? Tendo essas reflexões como pano de fundo, a pesquisa se fundamenta em aportes da sociolinguística educacional, com respaldo em estudos realizados por Bortoni-Ricardo, (2004, 20015), Faraco, (2009, 2015) e Faraco; Zilles (2015) entre outros estudos sobre a temática. A pesquisa tem natureza qualitativa e usa a técnica a pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário, que foi enviado aos professores em atividade nas redes municipais das cidades de Timbiras-MA e Codó-MA. Por fim, com os dados obtidos, foi possível constatar que os docentes, embora já tenham ouvido falar desses temas, a maioria não trabalha com o assunto em suas aulas e enfatizam a insegurança para a discussão do tema nas escolas.

Palavras-chave: Variação Linguística. Professores. Ensino de língua materna.

ABSTRACT

The present work aims to observe, from the perspective of primary school teachers, how the themes of linguistic variation and linguistic prejudice have been worked on in public schools in the municipalities of Timbiras-MA and Codó-MA. The initial question is: how have discussions on these topics reached the school? How have discussions about linguistic prejudice been reflected in school practice? With these reflections as a background, the research is based on contributions from educational sociolinguistics, supported by studies carried out by Bortoni-Ricardo, (2004, 20015), Faraco, (2009, 2015) and Faraco; Zilles (2015) among other studies on the subject. The research has a qualitative nature and uses the technique of field research, with the application of a questionnaire, which was sent to teachers working in the municipal networks of the cities of Timbiras-MA and Codó-MA. Finally, with the data obtained, it was possible to verify that the teachers, although they have already heard about these themes, most do not work with the subject in their classes and emphasize the insecurity for the discussion of the theme in schools.

Keywords: Linguistic Variation. Mother tongue teaching. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. AS PROBLEMÁTICAS DO ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA.....	17
2. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SALA DE AULA:	23
3. METODOLOGIA	29
3.1 RESULTADOS	30
3.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RESPOSTA DOS PROFESSORES	34
ALGUMAS ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	42

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa chegou ao Brasil por volta do século XVI, época do declarado descobrimento, a mesma passou a ser imposta como língua oficial as demais línguas que já havia aqui. Os povos indígenas que habitavam o território brasileiro, em contato com os africanos e demais imigrantes que foram trazidos de outras regiões, deram origem ao chamado Multilinguismo, aspecto que contribuiu para formar a identidade do português brasileiro.

Ao longo dos anos, uma tradição conservadora se formou no entorno da língua e diversos materiais bibliográficos institucionais (leis, dicionários e gramáticas) foram sendo criados para a formação de pretensa unidade linguística. O grande problema desse tipo de política é a exclusão de formas de falar consideradas populares, em detrimento de formas consideradas melhores ou mais bonitas.

Partindo dessa premissa, é necessário deixar de lado algumas concepções pré-estabelecidas a respeito da língua, assim, podemos citar como exemplo a ideia de que ela é uma estrutura pronta e acabada, que não está sujeita a sofrer mudanças e variações. Com o passar do tempo, a língua se constrói e se transforma, isso porque ela constitui uma entidade social e por esse motivo é constantemente modificada.

No contexto da discussão sobre a diversidade e mudança linguística destaca-se a Sociolinguística. Partindo dessas ideias, entende-se que a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, considerando as ligações entre estrutura linguística e os aspectos sociais. Por se tratar de uma entidade social, a língua não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, desse modo, um dos objetivos dos estudos Sociolinguísticos é entender quais os principais aspectos que motivam a variação linguística.

Em vista disso, é válido ressaltar que a língua varia, e essas variações podem ser explicadas por fatores presentes em nossa sociedade. A sociolinguística se ocupa dessas questões. Assim sendo, ela é uma das áreas da Linguística que estuda essas relações entre língua e sociedade, pois além dessa área, existem outros ramos dentro das ciências da linguagem que de

alguma maneira dedicam-se a estudar a língua no contexto social, como a Linguística Aplicada, Análise do Discurso e a Linguística Histórica.

Atualmente, a Linguística moderna demonstra que é cientificamente incorreto afirmar que as diversas variedades de uma língua sejam superiores as outras variedades. De acordo com os estudos da sociolinguística, pode-se dizer que as diversas formas de linguagem são consequências de um processo natural de variação linguística, o qual busca atender as diversas situações comunicativas que existem no meio social.

Sabemos que o Brasil é um país multicultural, e a diversidade linguística existente é prova disso, assim, é compreensível que haja essas diferenças nas falas, o que não significa dizer que algumas maneiras de falar devam ser desprestigiadas. Avaliar negativamente o modo como um indivíduo faz uso da linguagem é contribuir para o surgimento do preconceito linguístico, que seria o resultado de comparações feitas entre um modelo idealizado de língua trazidos nas gramáticas normativas e a forma de falar real das pessoas que vivem na sociedade.

Nesse caso, é importante salientar que é praticamente impossível que alguém consiga falar fazendo uso de todas essas regras que prescreve a gramática normativa, isso porque, ela descreve um Modelo de língua artificial que já está ultrapassado e não condiz com os usos reais da linguagem de nenhuma comunidade atual falante do português.

A escola, durante muito tempo, tem sido a principal agência de difusão e manutenção do preconceito linguístico, no entanto, deve-se ter consciência que todos os alunos, ao iniciarem o processo de alfabetização, possui um repertório linguístico que atende suas necessidades comunicativas em seu universo de experiências. Assim, a instituição escolar tende a marginalizar e discriminar esse repertório, por ainda não ter assimilado esse conhecimento das questões Linguísticas, desvalorizando assim, a cultura dos alunos.

O desrespeito as marcas culturais e linguísticas dos educandos contribuem negativamente para a formação desses indivíduos, levando-os a se reprimirem de sua identidade sociolinguística e conseqüentemente tornando-os agentes de reprodução e disseminação dessas práticas.

A escola, enquanto agente de construção de saber, tem o papel de oferecer aos alunos os conhecimentos a respeito dessa pluralidade linguística existente em nosso país, no intuito de proporcionar reflexões a respeito das adequações do uso da língua no tocante aos diversos contextos comunicativos.

A partir disso, torna-se relevante esclarecer que o foco não é desvalorizar ou rejeitar o ensino de gramática, isso porque, qualquer competência em uma língua passa pelo conhecimento gramatical e, por isso, ela sempre terá sua importância, porém, a finalidade é conciliar os conhecimentos normativos as situações reais de fala, que permitam aos educandos serem políglotas em sua própria língua.

Diante do contexto dessas discussões, o presente trabalho tem como objetivo trazer reflexões sobre a variação linguística, buscando compreender como os professores das escolas públicas da rede municipal de Timbiras – MA e Codó- MA lidam com essas questões da diversidade da língua e quais contribuições trazem suas aulas para o combate ao preconceito sofrido por alguns indivíduos por questões que são sociais e linguísticas.

O interesse pelo tema da variação linguística surgiu no 3º período da graduação, após apresentação de um trabalho que envolvia a temática. Sendo assim, no ano de 2020, participamos do programa institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em que tivemos a oportunidade de aprofundar mais os estudos sobre a variação linguística. Por esse motivo, a questão inicial que se coloca neste trabalho monográfico é de que modo as discussões sobre esses temas têm chegado à escola? De que modo as discussões sobre o preconceito linguístico têm se refletido na prática escolar?

Além deste capítulo introdutório, o trabalho está dividido em mais três capítulos: o primeiro trata sobre as problemáticas do ensino de língua portuguesa; o segundo capítulo aborda o fenômeno da variação linguística e sala de aula: o preconceito linguístico e o terceiro capítulo diz respeito à apresentação da metodologia da pesquisa e os resultados alcançados e que serão discutidos a seguir.

A pesquisa se fundamenta em aportes da sociolinguística educacional, com respaldo em estudos realizados por Bortoni-Ricardo, (2004, 2015), Faraco (2009, 2015) e Faraco; Zilles (2015). Como princípios metodológicos, utilizou-se um questionário, que foi aplicado aos professores ativos das redes municipais das cidades de Timbiras-MA e Codó-MA, além disso, a pesquisa tem estudos de natureza bibliográfica. Por fim, com os dados obtidos, foi possível constatar que os docentes, embora já tenham ouvido falar de temas como variação linguística e preconceito linguístico, a maioria dos docentes participantes não trabalha com o assunto em suas aulas e enfatizam a insegurança para a discussão do tema nas escolas.

1. AS PROBLEMÁTICAS DO ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA

Atualmente, muito se discute sobre o ensino de língua portuguesa. Os debates partem da premissa sobre o que ensinar e como se deve ensinar. É notável que há uma grande repercussão o número de "erros" que os alunos cometeriam e o método utilizado para transmitir os conhecimentos linguísticos tanto nos níveis orais quanto escrito.

É importante destacar que os alunos, ao entrarem na escola, convivem com duas realidades linguísticas: uma que ele traz consigo, que é o conhecimento aprendido no seu meio familiar e a forma mais natural de sua capacidade linguística, e o outro é o conhecimento e a forma linguística encontrada no contexto escolar. Com essa dualidade linguística, cumpre entender quais valores são associados a cada uma dessas formas. O próprio conceito de preconceito linguística nasce dessa diferença que o aluno faz de sua língua materna e a linguagem que ele aprende na escola.

Diante disso, estudos comprovam que as normas gramaticais se baseiam numa concepção de língua homogênea. Com isso, as atividades didáticas nessa linha de ensino geralmente são classificatórias e totalmente desvinculadas do uso real da língua, embasada numa concepção de "certo" e "errado", onde o certo é o que prescreve as regras gramaticais e tudo que contrapõe a essas regras é considerado errado e deve ser corrigido. Assim,

Espalhou-se entre nós [...], o discurso de que nosso português é cheio de erros, de que não sabemos português, de que escrevemos mal a língua. E difundiu-se, nas últimas três décadas do século XIX, um discurso normativo que recusou as características do português culto brasileiro e defendeu a adoção e o ensino das características do português culto europeu como norma de referência (FARACO; ZILLES, 2015, p.22)

Diante disso, vale destacar que a linguagem é o espaço da heterogeneidade e da diversidade de práticas culturais. Dessa forma, ignorar essas diferenças desfavorece a riqueza cultural existente em nosso país. São diversas as consequências que essa prática pode trazer para a sociedade, como, por exemplo, reforçar as desigualdades sociais, uma vez que trata as diferenças como deficiências, reproduzindo assim o modelo sociocultural dominante.

Gorki e Coelho (2009) afirmam que é indiscutível o fato de que a escola precisa trabalhar a gramática normativa de modo a contemplar os aspectos

linguísticos em vários níveis e possibilitar condições para que os estudantes possam se apropriar da norma culta da língua, que é a variedade de prestígio, e conseqüentemente pode ser uma possibilidade de progresso social. A esse respeito as autoras comentam:

Importante salientar: a escola deve ensinar a norma culta, não no sentido de exigir que o aluno substitua uma norma (a dele, vernacular) por outra, mas sim no sentido de capacitá-lo a dominar uma outra variedade para que possa adequar seu uso linguístico a diferentes situações. Usar apenas o dialeto padrão nas situações comunicativas que requerem diferentes estilos é tão inadequado (ou disfuncional) quanto usar apenas o vernáculo (seja ele estigmatizado ou não). Em suma, o papel da escola é oferecer condições para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa (GORSKI; COELHO, 2009, p.83-84)

Nesse caso, o estudante precisa ser motivado a usar a linguagem ensinada na escola. O professor de língua portuguesa tem o papel de trabalhar meios que minimizam essa lacuna existente entre a variedade que o aluno traz consigo do seu meio familiar (que em hipótese alguma deve ser considerada como errada) e a norma culta, isso com o intuito de incluir socialmente essas pessoas.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz um novo direcionamento ao ensino de língua portuguesa, destacando que é de suma importância que sejam trabalhados os conhecimentos sobre as diferentes linguagens para ampliar possibilidades de participação dos sujeitos nas diversas práticas de atividades humanas. Assim

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes, experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2017, p.67-68).

O ensino de Língua portuguesa deve estar voltado para reflexões sistemáticas que dizem respeito à relação entre os níveis orais e escritos, questões de variações linguísticas, aspectos da textualidade, aspectos da normatividade etc. Não há dúvidas de que a gramática tem sua importância nas aulas de língua portuguesa, entretanto, ela por si só não é responsável por ensinar ao educando ler e escrever com eficiência. Assim, cabe a escola ensiná-

la promovendo condições ao aluno de adquirir competências para utilizá-la de acordo com a situação vivenciada.

Não é por meio desse modelo de ensino que insiste em transmitir somente os conhecimentos gramaticais de maneira descontextualizada que o aluno alcançará as competências necessárias, pois, desse modo, os estudantes ficam desmotivados e desinteressados pelo estudo da língua, resultando no fracasso escolar e levando-os a conservarem uma mentalidade de preconceito linguístico.

A prática do ensino tradicional focado somente nas regras , leva o aluno a "decorar" , isso devido aos exercícios repetitivos que exigem desses estudantes fixarem tal conhecimento na memória, forma de trabalho pedagógico que acaba comprometendo a criatividade do aluno, uma vez que estes ficam expostos a um modelo de ensino que não leva em consideração os conhecimentos prévios, desvalorizando experiências diversas que cada estudante poderia usar na sala de aula de modo a enriquecer a aprendizagem

[...] Por isso achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem (BAGNO, 2007, p.35).

Sabendo que cada indivíduo tem suas particularidades é imprescindível que o professor trabalhe a interação social, ou seja, promover diálogos, trocas de ideias e incentivar participação dos alunos que trazem consigo um conhecimento de mundo valioso. No processo de ensino aprendizagem, deve ser respeitada a valorização do pensar, uma vez que, assim como o educando tem a capacidade de adquirir o conhecimento, pode também gerar conhecimento a partir do compartilhamento de suas experiências.

Atualmente, tomando como base as novas propostas para o ensino de Língua Portuguesa, entende-se que a escola na prática deve funcionar como uma instituição responsável por promover reflexões a respeito pela dinamicidade da língua, bem como pensar atividades que possibilitam ao educando o contato com as variedades linguísticas, objetivando ampliar sua competência comunicativa,

Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL,2017, p.70).

Para Bortoni-Ricardo (2005), é tempo de priorizar o estudo da “linguagem das maiorias “. É de conhecimento de todos que acompanham a realidade da educação brasileira, que a alfabetização de crianças de classe baixa é um processo mais complexo do que a alfabetização das crianças provenientes de classe alta. Ao se deparar na escola com estudo da linguagem culta (norma desconhecida por eles), acabam regredindo nos estudos, isso acontece porque o ensino de língua imposto pela escola não leva em consideração a linguagem trazida por esses alunos.

Na visão de Antunes (2009), trazer para a compreensão dos professores estudos consistentes e bem fundamentados é dar base teóricas para que esses alunos possam enriquecer o modo de expressão e participar de debates e reflexões públicos, e terem condição de fazer uma participam mais contundente na escola.

Nesse contexto, nas aulas de língua portuguesa, para pensarmos em um aluno competente comunicativamente e hábil em diferentes funções sociais, interativas, relacionadas a usos literários ou não, os professores precisam: (i) estar conscientes das funções do uso da língua na construção de identidade; (ii) saber mais sobre as questões textuais, interacionais e comunicativas das línguas naturais (iii) conhecer mais as implicações lexicais gramaticais e discursivas dos diversos tipos de gêneros textuais; (iv) saber dar um tratamento textual às unidades da gramática; (v) trabalhar com a intertextualidade; (vi) entender sobre as múltiplas funções da leitura e da escrita; (vii) articular ensino e avaliação, avaliação e ensino (ANTUNES,2009, p14-15).

Assim, o professor pode promover a formação do cidadão estimulando o desenvolvimento do senso crítico do aluno utilizando atividades de análises e reflexão, provocando a curiosidade e incentivando a pesquisa, não se conformando com o que já está estabelecido, rompendo estereótipos acerca das questões linguísticas, de modo que haja a valorização da pluralidade

linguística, que se manifesta nos diversos falares nacionais , diminuindo preconceitos e discriminação a respeito de qualquer modo de falar.

Em suma, o ensino de língua portuguesa, ao longo dos anos, vem sendo pauta nas discussões, que partem de uma necessidade de melhorar a qualidade da educação. Nesse contexto, a prática do ensino tradicional tem sido uma vilã nas salas de aula, pois trata os alunos como “depósitos” de regras.

No entanto, para que o ensino de língua materna não tenha seu foco apenas nas regras rígidas prescritas dos livros gramaticais, o professor precisa compreender que o ensino de língua portuguesa só tomará novos rumos quando a escola estimular a capacidade linguística dos alunos, quando entender e passar para os alunos que a língua é um sistema vivo e que as variações são consequências das inúmeras transformações ocorridas ao longo do tempo, por isso a escola deve dar base para que esses alunos possam se apropriar desses conhecimentos e ter em mente que todas as formas de linguagem podem coexistir e ser utilizadas para se comunicar de acordo com as circunstâncias de fala, sendo assim

Abre-se, pois, na área da educação e nos demais setores das relações sociais, um imenso campo de trabalho para a linguística nacional. Cabe a ela estudar a variação da língua nos espaços geográfico e social, propor soluções para o impasse do anacronismo da gramática normativa, combater o estigma atribuído às variedades denominadas “incultas”, levantar as atitudes dos falantes em relação a língua, determinar as etapas evolutivas dos traços em processo de mudança, e, principalmente, apontar caminhos e estratégias para a educação no Brasil (BORTONI-RICARDO,2005, p.38).

É preciso ter muita cautela, pois há um longo e árduo caminho a ser percorrido. Devemos ter consciência que as questões que envolvem os estudos da língua exigem um grau considerado de complexidade, porém é necessário lembrar que a língua adquire vida por meio de seus falantes e uma vez adquirida a experiência linguística oral todo e qualquer sujeito tem a capacidade de aprender sua estrutura gramatical.

O ensino de língua portuguesa precisa de novas nuances e devido sua importância, é essencial que este seja planejado e organizado de maneira estratégica de modo que os objetivos do professor sejam alcançados. Visto que, o ensino de língua materna tem como objetivo prioritariamente o desenvolvimento de competências comunicativas faz-se necessário uma

avaliação das práticas pedagógicas, no intuito de buscar melhorias nesse processo de ensino-aprendizagem. Portanto, os professores têm como missão tornar o ensino de língua materna adequado às expectativas e necessidades dos educandos.

2. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SALA DE AULA

O estudo sobre a variação linguística é de extrema importância para a sociedade, e atualmente tem sido bastante desenvolvido. No entanto, esses estudos nem sempre é compreendido por uma boa parte das pessoas, tendo em vista que a sociedade foi educada para ser simpatizante com a ideia da homogeneidade linguística, ou seja, existe um mito na sociedade de que a língua portuguesa é a mesma para todos os falantes e, por isso, essa língua não pode apresentar variação, diversidade ou particularidade.

Diante de tais argumentos, vale pontuar que a variação linguística é um fenômeno natural que ocorre devido à diversidade de contextos comunicativos que a língua precisa atender. Portanto, deve-se levar em conta que a língua não é estável e invariável, pois essa se modifica para atender diversos processos comunicativos. Dessa forma, por se tratar de uma língua natural, está sujeita a variações. Uma língua imóvel que não se adapta às diferentes necessidades estaria destinada ao ostracismo e à inutilização.

Compreender essa dinâmica linguística é necessário para romper paradigmas e concepções equivocadas a respeito dessa temática, que, durante muito tempo, se fez presente na pedagogia do ensino de língua materna tradicional, motivo pelo qual, muitas vezes, essa pedagogia tradicional acaba desvalorizando as variações que ocorrem nos diversos níveis linguísticos.

Entende-se que variação linguística é um mecanismo linguístico central na formação e preservação das línguas humanas. O retrato das línguas modernas é resultado de um elevado número de processos variacionistas que operaram sobre a língua em diversos níveis ao longo de vários séculos. Dessa forma, entender a variação linguística como um fator essencial para a compreensão da língua deve ser um dos elementos essenciais para o ensino.

Paim (2019, p. 29) comenta que “O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizados) implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normatização. ”. O desconhecimento dessa realidade da natureza da língua resulta no que corriqueiramente entende-se como preconceito linguístico (BAGNO, 2017), fenômeno que tem na escola sua

principal fonte de existência. Entende-se preconceito linguístico como toda e qualquer violência (física ou simbólica) sofrida por um indivíduo por conta de aspectos que são linguísticos.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]”. (BAGNO, 2007, p.40)

No espectro desse preconceito, estão inúmeras ideias pré-concebidas de que existe uma língua única e certa, vinda de uma tradição antiga e que entende que todas as formas da língua que não atendem um padrão idealizado devem ser combatidas. É óbvio que esse ideal, como já comentado, nasce no seio da aula de língua portuguesa, que, tradicionalmente é feita sob um padrão de língua que só existe no plano das ideias.

Mattos e Silva (2006, p. 282), a esse respeito, comenta que, na escola, o professor de português deve ter formação e percepção para “saber que um dos postulados da chamada linguística moderna é aquele que afirma ser qualquer variedade de uma língua histórica adequada àqueles que a usam desde que sejam compreendidos por seus interlocutores. ”. Nesse sentido, concordando com Paim (2019), entender a natureza da língua é um dos principais elementos da aula de língua portuguesa, que tem como objetivo principal desenvolver capacidades comunicativas no aluno. No entanto, o preconceito linguístico ainda é um dos principais preconceitos existentes na nossa sociedade e o debate contra esse preconceito em sala de aula ainda é muito superficial e precisa ser feito.

Atualmente, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz discussões importantes a respeito da temática abordada. O documento tem como uma de suas premissas a diversidade cultural, não concordando com uma percepção classificatória reducionista e dá ênfase à necessidade de se contemplar as diferentes manifestações culturais de forma que garantem uma ampliação do repertório, e o conhecimento necessário para aprender a lidar com o diferente.

A esse respeito, a Base ressalta que mais de 250 línguas são faladas no Brasil, no entanto essa riqueza cultural e linguística ainda é assunto

desconhecido pela maioria da população brasileira. Com isso, é relevante que as instituições escolares valorizem essas realidades da diversidade linguística e atentem para as distintas situações e comportamentos humanos que abrangem os usos linguísticos, como o preconceito linguístico.

É importante destacar que, a língua, enquanto meio de comunicação e ação individual, apresenta-se de forma dinâmica, o que permite afirmar que não é uma entidade estática e homogênea. Desse modo, é preciso deixar de lado algumas concepções pré-estabelecidas e compreender que com o passar do tempo a língua se constrói e se transforma, pois, é um sistema vivo que está sujeito a sofrer mudanças.

Para Antunes (2009), a língua varia naturalmente, de modo a atender às exigências das diversas situações comunicacionais. Acreditar que a língua se manifesta de um mesmo jeito em todos os contextos traz consequências educacionais perigosas, em que os principais atingidos são pessoas de um nível social não dominante. Nesse contexto, percebe-se uma resistência da sociedade em relação às variações linguísticas, pois, na maioria das vezes, não aceitam as diferentes manifestações da linguagem e acabam avaliando negativamente o modo como um sujeito faz uso da linguagem, contribuindo assim para o surgimento do preconceito linguístico.

Barrera e Maluf(2004) em seus estudos, enfatizam que a língua, como fator social, ao mesmo tempo em que é dinâmica, é conservadora. Dinâmica, porque se modifica com o tempo e conservadora porque precisa preservar um certo grau de uniformidade, para que a comunicação em uma certa comunidade linguística, seja possível. Os estudos sociolinguísticos, de um modo geral, destacam quatro tipos de variações linguísticas, que são: a variação regional ou geográfica (diatópica), variação social (diastrática), variação histórica (diacrônica) e variação estilística (diafásica).

A variação regional, refere-se às formas linguísticas que podem ser percebidas entre os falantes de diferentes regiões geográficas que utilizam a mesma língua. Podendo ser notada a partir da diversidade de formas de falar de um indivíduo, muito mais evidenciado no que os indivíduos geralmente chamam de sotaque (pronúncia característica de uma região, por exemplo) e regionalismo (particularidades linguísticas de uma região) são, na verdade, dialetos locais e regionais que todas as línguas apresentam. A variação diastrática diz respeito

às diferenças observáveis na linguagem de um grupo social em que se insere o falante, sendo estas mudanças variáveis de acordo com ao sexo, idade, etnia, profissão e outros.

A variação histórica ou diacrônica trata das palavras ou expressões que em algum momento histórico foram utilizadas e caíram em desuso, porém ainda fazem parte do conjunto de palavras existente na língua apresentando sentido. A variação estilística é notada no estilo exigido pela situação comunicativa do falante, podendo notar assim que a variação linguística se manifesta rotineiramente. A depender do contexto comunicativo pode-se pedir uma linguagem mais formal ou coloquial e é a variação linguística que permite essa adaptação da língua nos diferentes contextos.

Nos dias atuais, ainda é possível perceber que, apesar dos estudos sobre a variação linguística, ainda existem muitas pessoas que acreditam na língua como um sistema fechado, totalmente invariável, prática que leva esses sujeitos a excluir e rejeitar indivíduos que falam diferente daquilo que é idealizado pela gramática normativa e incentivam a criação de muitos falares, discursos e manifestações do preconceito linguístico. As figuras a seguir, retiradas da internet, são alguns memes que materializam esse tipo de ideia na sociedade.

Figura 01 e 02 – memes sobre preconceito linguístico



Fonte: Google imagens

Esse tipo de imagem materializa uma imagem e um discurso que é muito recorrente na sociedade e que mostra o nível de preconceito com os grupos sociais que são identificados com essas formas de linguagem. Nessa direção, é importante que a escola entenda que a criança desenvolve a língua materna desde muito cedo, em sua comunidade, com os familiares, por isso, domina com eficiência a gramática de sua língua, e esta atende as suas necessidades comunicativas no contexto em que está inserido. Porém, essa linguagem é marcada como “incorreta”, “feia” e “vulgar”, atitudes que podem levar a um bloqueio na expressão da linguagem oral e conseqüentemente dificuldades para aprender durante o processo de alfabetização, visto que a violência que o aluno sofre na escola ainda é muito expressiva.

A questão é que a escola considera a língua padrão como meio de comparação no qual se avaliam desempenhos, baseados em “erros” e “acertos”, reforçando ainda mais a desvalorização da linguagem adquirida pelos alunos no seu meio familiar, avaliando todos os alunos de igual modo, com o mesmo grau de exigência, sem levar em consideração as particularidades das crianças, que, na maioria das vezes, são provenientes de classes sociais menos favorecidas e, por isso, utilizam uma linguagem mais distante da norma padrão.

Não se pode descartar a importância da norma culta, pois ela é fundamental para inserção do indivíduo na sociedade letrada. Assim, ambas as formas de linguagem devem ser respeitadas, pois o foco não é substituir uma em detrimento da outra, mas sim mostrar que existem diversas formas de linguagem e podem ser usadas em diferentes contextos.

Desse modo, o professor tem, na sociolinguística, a possibilidade de se desvencilhar dos preconceitos linguísticos e trabalhar temas menos centrais no ensino da língua materna, e que possuem ampla contribuição para o ensino da língua e compreensão da realidade, possibilitando a reflexão sobre os diversos usos da língua e sobre a sociedade de um modo geral, tornando o ensino contextualizado, atual e com conteúdos necessários para o aluno.

Por fim, cumpre destacar que a BNCC, como um documento de orientação nacional, dirige, no componente de língua portuguesa para o reconhecimento da variação linguística como um direito de aprendizagem, mostrando assim a importância do tema para o ensino e para uma formação

cidadão efetiva. O documento aponta que as aulas de língua portuguesa, no ensino fundamental, devem desenvolver as seguintes competências:

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero do discurso/gênero textual. (BRASIL, 2017, p.87)

Como vemos, pelo menos no documento oficial do ensino em vigor, a variação linguística tem o seu espaço, a questão é a sala de aula, é a formação do professor e a própria cultura escola. Nessa direção, é fácil estabelecer que essa é uma realidade que ainda está um pouco distante da realidade da educação no Brasil, principalmente no que diz respeito ao ensino de língua materna, em que podemos observar que os debates em sala de aula sobre as variações linguísticas dificilmente acontecem, isso devido os regimentos sociais que exigem das escolas que os alunos saibam empregar de forma descontextualizada as regras que trazem os livros de gramática. Dessa forma, a escola, enquanto espaço de construção de saberes, a partir do tema da variação linguística e do preconceito linguístico, tem a oportunidade de oferecer aos alunos acesso a pluridiversidade étnico-cultural e levar em consideração as diferenças sociolinguísticas dos educandos, proporcionando, para além de conteúdos linguísticos, saberes relevantes para viver em uma sociedade que é fundamentalmente diversa em diferentes perspectivas.

3. METODOLOGIA

O trabalho constitui-se como uma pesquisa qualitativa e tem uma natureza de pesquisa bibliográfica e de campo, tendo como instrumento de pesquisa um questionário que foi aplicado junto a professores atuantes em escolas do município de Timbiras e Codó, no Maranhão. Foi feito um estudo bibliográfico (porque analisa e discute textos teóricos e oficiais sobre o ensino de língua portuguesa) e de campo (porque recolhe dados em escolas maranhenses da rede públicas em turmas do ensino fundamental), fazendo uma análise do ensino de língua portuguesa, a temática da variação linguística e o preconceito linguístico em salas de aula nos anos iniciais do ensino fundamental (3º ao 5º ano).

Buscando alcançar os objetivos do trabalho, a recolha e análise dos dados foram feitos a partir de algumas etapas, com o propósito de organizar, de forma adequada, os resultados obtidos. Desse modo, as etapas desse trabalho de pesquisa são constituídas por reuniões de estudos de textos teóricos e documentos oficiais, elaboração e aplicação de questionário, catalogação de dados (anotações) e análise dos resultados.

Em relação as reuniões de estudos, ao longo da pesquisa, houve encontros para estudos, do grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa- GIELP/UFMA/CNPq, da coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus-Codó, que acontecem quinzenalmente. Nas reuniões, são estudados textos teóricos e oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e de língua portuguesa. Nas reuniões, docentes e discentes debatem textos voltados às temáticas do ensino de língua portuguesa.

A entrevista com os professores ativos da rede pública municipal, que trabalham com o ensino de língua portuguesa, foi feita através de questionário que constam perguntas variadas sobre as aulas de língua portuguesa além dos temas como variação linguística e preconceito linguístico. O questionário foi criado no Google forms e enviado aos professores por meio do aplicativo de mensagem WhatsApp.

Os dados obtidos foram analisados buscando compreender o conhecimento dos professores com relação aos assuntos pesquisados e como

eles lidam com essas questões em sala de aula. Buscou-se compreender também quais ações e intervenções os professores utilizam em situações de preconceitos por aspectos linguísticos.

3.1 RESULTADOS

Com base nas informações apresentadas, serão analisados os dados obtidos por meio de questionários enviados aos professores via WhatsApp, devido à situação pandêmica atual em que se encontra o País. A pesquisa foi realizada no município de Timbiras-MA e Codó-MA¹, com professores ativos da rede pública municipal, que lecionam em turmas do ensino Fundamental (anos iniciais).

O objetivo da aplicação do questionário foi perceber o conhecimento que os docentes de séries iniciais têm em relação à variação linguística e ao preconceito linguístico, além de saber como esses professores lidam com essas questões nas escolas.

Partindo desse pressuposto, é pertinente salientar que o questionário enquanto instrumento de pesquisa é uma das ferramentas mais utilizadas por pesquisadores, assim, deve-se atentar para a etapa de elaboração das perguntas, pois essa etapa é crucial para obtenção de resultados que de fato possa contribuir positivamente com as expectativas do estudo proposto.

Nesse sentido, o questionário elaborado é constituído de 15 perguntas, sendo 3 de identificação e 12 a respeito do tema da variação linguística, preconceito linguístico e o ensino de língua portuguesa. A partir disso, 14 professores colaboraram com a pesquisa, onde 9 são do município de Timbiras e 5 do município de Codó.

Seguem os dois quadros construídos a partir das respostas dadas pelos professores. No primeiro quadro, estão dispostas 3 primeiras perguntas de

¹ O município de Timbiras fica na região leste do estado do Maranhão, na microrregião de Codó e fica a 316km da capital do estado do Maranhão. O município é constituído por uma população de mais de 29 mil habitantes e tem 59 escolas, localizadas na região urbana e rural. O município de Codó fica localizado na mesma região, tendo uma população de mais de 123 mil habitantes e 352 escolas, localizadas na região rural e urbana.

identificação dos participantes da pesquisa, no segundo, as demais perguntas e respostas que versam sobre o tema da variação linguística na escola:

Quadro 1: Perguntas sobre o perfil dos participantes

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	RESULTADOS
Qual a sua formação acadêmica/escolar?	1. Ensino médio completo	1 professor (Timbiras)
	2. Ensino Superior em andamento.	Nenhum
	3. Ensino superior	1 professor (Timbiras) 1 professor (Codó)
	4. Pós-graduação	7 professores (Timbiras) 4 professores (Codó)
Se você se formou em um curso do ensino superior, indique em qual curso você obteve o título?	1. Pedagogia	4 professores (Timbiras)
	2. licenciatura das series iniciais.	1 professor (Timbiras)
	3. História de Brasil	1 professor (Timbiras)
	4. Licenciatura em Letras-UEMA- Pedagogia-UFMA	1 professor (Timbiras)
Qual nível escolar você tem experiência?	1. Educação Infantil	1 professor (Timbiras)
	2. Ensino Fundamental (anos iniciais)	4 professores (Timbiras) 5 professores (Codó)
	3. Ensino Fundamental (anos finais)	3 professores (Timbiras)
	4. Ensino Médio	1 professor (Timbiras)
	5. Ensino superior	Nenhum

Fonte: Participantes da pesquisa de campo

As próximas 12 perguntas que constituirão o quadro que segue, como já mencionado anteriormente, referem-se ao tema em questão. Lembrando que são perguntas objetivas em que a maioria das questões tem opções como sim,

não, talvez, às vezes, concordo em parte, discordo e não sei opinar. Segue o quadro 02 com as questões e as respostas dadas pelos professores.

Quadro 2: Perguntas sobre variação linguística e ensino

PERGUNTAS	ALTERNATIVAS	RESULTADOS
Você já ouviu falar em Variação Linguística?	Sim	14 professores
	Não	Nenhum
	Talvez	Nenhum
Você já ouviu falar em Preconceito Linguístico?	Sim	14 professores
	Não	Nenhum
	Talvez	Nenhum
Você trabalha com o tema Variação linguística em suas aulas de Língua Portuguesa?	Sim	2 professores (Timbiras) 4 professores (Codó)
	Não	5 professores (Timbiras) 1 professor (Codó)
	Às vezes	2 professores (Timbiras)
Você concorda com a seguinte afirmação? “O aprendizado do aluno está condicionado ao contexto social no qual esses alunos estão imersos?”	Sim	4 professores (Timbiras) 2 professores (Codó)
	Não	2 professores (Timbiras)
	Em parte	3 professores (Timbiras) 3 professores (Codó)
Para você, a cultura do qual o aluno faz parte é um fator relevante para que o aluno desenvolva uma competência comunicativa?	Sim	8 professores (Timbiras) 5 professores (Codó)
	Não	1 professor (Timbiras)
	Talvez	Nenhum
Você acha que o aluno brasileiro não sabe falar?	Sim	Nenhum
	Não	9 professores (Timbiras)

		4 professores (Codó)
	Talvez	1 professor (Timbiras)
Você acha que o aluno Brasileiro não sabe escrever ou ler porque os pais dele não sabem falar ou escrever?	Sim	1 professor (Timbiras)
	Não	9 professores (Timbiras) 4 professores (Codó)
	Talvez	Nenhum
Como você age quando os alunos riem da forma de falar de um aluno que não é da região?	Sorriso também	Nenhum
	Repreendo e digo que não se rir do colega	7 professores (Timbiras) 4 professores (Codó)
	Digo nada para não constranger os outros alunos	Nenhum
	Isso não acontece na minha escola	1 professor (Timbiras)
	Precisa-se conscientizar os alunos sobre o respeito mútuo de cada indivíduo	1 professor (Timbiras)
	Aproveito o momento para explicar a importância dos diversos dialetos existentes e a relevância de cada um.	1 professor (Timbiras)
“O aluno fala errado porque os pais e os irmãos dele também falam errado”. Qual sua opinião sobre essa afirmativa?	Concordo	1 professor (Timbiras) 2 professores (Codó)
	Discordo	4 professores (Timbiras)
	Concordo em parte	3 professores (Timbiras) 3 professores (Codó)
“Alunos que vêm de comunidades pobres e rurais têm menos chances naturais de aprender”.	Concordo	Nenhum
	Discordo	9 professores (Timbiras)

Qual sua opinião sobre essa afirmativa?		5 professores (Codó)
	Não sei opinar	Nenhum
Você acha que a diversidade linguística e o preconceito linguístico devem ser discutidos no ensino fundamental-Anos iniciais	Sim	9 professores (Timbiras) 1 professor (Codó)
	Não	Nenhum
	Talvez	4 professores (Codó)
Você acha que os professores e a escola brasileira estão preparados para discutir a variação linguística e fazer dela um tema para sala de aula?	Sim	4 professores (Timbiras)
	Não	4 professores (Timbiras) 1 professor (Codó)
	Talvez	1 professor (Timbiras) 4 professores (Codó)

Fonte: participantes da pesquisa de campo

Como é possível observar ao longo dos quadros, a maioria dos professores participantes responderam a todas as perguntas apresentadas, sempre indicando uma resposta. De qualquer modo, cumpre analisar as respostas dadas pelos docentes, considerando as temáticas apresentadas e entender um pouco de como esses professores compreendem e veem o tema da variação e do preconceito linguístico no seu dia a dia.

3.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RESPOSTA DOS PROFESSORES

A partir das informações apresentadas, evidencia-se que, embora todos os docentes tenham conhecimento dos temas variação linguística e preconceito linguístico, eles não trabalham sobre os assuntos em suas aulas com muita frequência. Assim, nota-se que embora alguns documentos que orientam o ensino deem destaque para o tema da variação linguística e para o preconceito linguístico como tema e objeto de ensino, o espaço destinado a eles em sala de aula, nas preocupações dos professores ainda não são tão amplos. As

instituições desvinculam o ensino de Língua Portuguesa da realidade dos alunos e continuam alheias a um ensino voltado para a norma culta, mantendo a ideia de “certo” e “errado”, sendo, na maioria das vezes discriminatório. É importante destacar que isso, talvez aconteça porque a escola ainda imagina o ensino de língua materna como sendo um ensino normativo, em que a língua é o único e necessário tema, sem considerar outros elementos que compõem uma língua, como as necessidades de comunicação que existem na sociedade, os contextos e a cultura em que uma língua está inserida. Sem esses elementos, o ensino torna-se descontextualizado e sem algum direcionamento real.

Diante de tais fatos, a língua enquanto patrimônio social, é adquirida por meio de situações interacionais e se apresenta das mais variadas formas. Visto isso, alguns professores concordaram com a ideia de que a aprendizagem do aluno está condicionada ao contexto o qual estão inseridos, entretanto, é positivo enfatizar que a aprendizagem acontece em diversas situações, por ser um processo contínuo. Com isso, entende-se que o indivíduo nasce apto a aprender, porém necessita de estímulos externos e internos. Em algumas situações, a aprendizagem acontece no meio social e temporal em que o indivíduo está inserido, assim como também tem o aprendizado que são considerados natos, como o ato de aprender a andar, falar, havendo a necessidade apenas que passem pelo processo de maturação física, psicológica e social.

Levando em consideração as diversas formas de comunicação existentes, os professores discordaram da concepção de que os brasileiros não sabem falar, pelo fato de apresentarem diversas variações em suas falas, isso porque, entende-se que essa é uma expressão equivocada, infelizmente transmitida durante muito tempo pelo ensino tradicional da gramática normativa nas instituições escolares, pois o brasileiro sabe sim falar, mas a pergunta, por si só é absurda e anticientífica. Muito embora a pergunta seja descabida, colocamos ela no questionário para testar o conhecimento desses professores sobre o tema e, pelas respostas dadas, é possível confirmar que estamos em curso de uma mudança da própria mentalidade desses docentes e mostra o impacto que as discussões sobre a diversidade linguística e o respeito por ela tem alcançado esses e outros docentes.

A partir disso, torna-se relevante enfatizar que os educandos provenientes de classes populares têm as mesmas capacidades de aprendizagem dos alunos pertencentes as outras classes, independentemente se os pais ou responsáveis sabem ou não ler e escrever. Os Primeiros estudos da Sociolinguística mostraram isso há muito tempo e isso é uma máxima importante na área e nos estudos da Sociolinguística Educacional (SOARES, 2016). Nessa direção, é importante levar em consideração o conhecimento prévio desses alunos para que a aprendizagem seja de fato significativa. Infelizmente, há uma deficiência do sistema educacional e no trabalho pedagógico, porém, muitas vezes, essas crianças vindas de famílias pobres e desestruturadas são excluídas, pois a escola não se dispõe a investir nelas o suficiente para que suas potencialidades possam desabrochar. O ensino de variação linguística e preconceito Linguístico devem ser trabalhados nas escolas, para que algumas concepções sejam desmistificadas. A escola deve estar aberta às diferentes variações linguísticas e não fique restrita a uma norma padrão impondo-a como única, fazendo com que os educandos desacreditem de sua língua materna.

A importância de adquirir conhecimentos da norma culta não impede de um aluno aprender as demais normas de uma língua, pois o objetivo não é se desfazer de uma ou de outra, mas fazer com que o aluno entenda que existem normas e que todas são legítimas e têm uma função dentro da sociedade. A linguagem aprendida pelo aluno antes de entrar na escola atende as suas necessidades de fala no contexto o qual está inserido, porém dentro da sala de aula essa linguagem acaba sendo perseguida pela gramática normativa, dando a entender que tudo que os alunos aprenderam em sua comunidade é errado. Contudo é de fundamental importância que o ensino possibilite a esses alunos o conhecimento das mais diferentes formas de comunicação orais, de modo que possam respeitar a forma de falar de cada um e tornem-se aptos a fazerem discursos que atendam as diversas situações comunicativas existentes no meio social.

Retornando para as questões e para as respostas dos professores, observamos que os professores participantes, em sua maioria, discordam de opiniões fortes e preconceituosas que têm fundamentado as ideias de muitas pessoas sobre a língua. O falar errado, a culpabilização da família e do grupo social do qual o aluno faz parte são algumas ideias que não encontram tanta

força entre os professores, principalmente porque tem sido possível discutir mais amplamente essas questões e tem se chegado a um consenso de que essas ideias não têm cabimento e não encontram fatos que as encabecem ou reflitam.

Um dado que talvez mostre que, no futuro, poderemos mudar a mentalidade da escola com relação ao ensino de língua materna e o espaço do tema da variação linguística nesse ensino é o fato de os professores veem como necessário a discussão sobre o tema em sala de aula e que a escola deveria dar espaço a ela. Nesse sentido, cumpre mencionar que a mudança no ensino de língua passa pelo uma mudança na própria mentalidade da escola, visto que tem organizado e concretizado o ensino a partir de um modelo do livro didático, de atividades de análise linguística sem muita correspondência com o uso real da língua no cotidiano. Como esses professores veem o tema de forma menos polêmica e como relevante, é possível pensar em uma escola com um ensino de língua materna mais inclusive, com novos parâmetros e formas de avaliação.

Nesse contexto, quando perguntados sobre a preparação dos docentes quanto ao tema, é possível observar que eles mesmos reconhecem que não, porque, muito embora conheçam ou já tenham ouvido falar sobre a variação linguística e o preconceito linguístico, é necessário um pouco mais do que isso para debatê-lo, para levá-lo a sala de aula e ver isso como relevante. É preciso ver o reconhecimento da falta de preparo com o tema como um reconhecimento de que se precisa de mais e que a formação e os temas do livro didáticos precisam ampliar o espaço da discussão e da formação sobre esse tema.

Por fim, cumpre destacar que esses professores reconhecem o potencial dos alunos para aprender e desenvolver uma competência comunicativa, considerando a realidade em que eles estão inseridos. Esse tipo de postura e de reconhecimento também é um ingrediente relevante, visto que é necessário reconhecer que, para além de aspectos socioeconômicos e culturais, o aluno pode romper e alcançar espaços e destaque na sociedade, com a ajuda da escola. Desse modo, entendemos de modo positivo quando o professor reconhece que as dificuldades do aluno, embora decorram das faltas de oportunidades, elas podem ser superadas.

Por fim, cumpre destacar o pensamento de Bagno (2019, p.171) quando ele comenta que “A educação linguística deve, sim, trazer para a reflexão dos aprendizes a natureza variável e mutante das línguas humanas, os juízos de

valores lançados sobre essa variação e essa mudança”, em nossas palavras, o ensino de língua materna não é um ensino sobre a estrutura da língua, mas um ensino de língua, isso é, de cultura, de competências, de identidades e de estrutura.

ALGUMAS ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Os dados apresentados neste estudo mostram que os professores de língua portuguesa consultados nesta pesquisa demonstram certo conhecimento sobre o tema da variação linguística, dada a ampliação e impacto que a discussão sobre o tema tem tido nos últimos anos no Brasil, tanto nos cursos de Letras quanto nos cursos de Pedagogia, cursos que, na maioria das vezes, são de licenciatura. No entanto, é importante pensar em como esse conhecimento tem se refletido na prática desses professores e da escola.

A partir das respostas dadas pelos professores participante, pode-se concluir que o ensino de língua portuguesa ainda precisa criar espaços para a discussão sobre o tema da variação e o respeito pela diversidade. Convivemos em um País rico em cultura, onde a língua faz parte dessa diversidade cultural, portanto, essa riqueza linguística precisa ser aceita nas escolas, principalmente na aula de língua materna.

A escola, enquanto espaço de socialização, não podem ignorar as diferenças sociolinguísticas, pois elas são partes fundamentais da cultura dos alunos e constituem a identidade de cada um. A heterogeneidade linguística não deve ser entendida como deficiência e nem pode ser objeto de inferiorização. Essas diferenças no falar são conseqüências de diversas influências, portanto, é necessário compreender essa dinâmica da língua, pois a língua brasileira tem dimensões únicas e própria do país, assim cada comunidade possuem suas particularidades no modo de falar

Ainda sobre a questão da pesquisa, os professores demonstraram conhecimento sobre o tema, mesmo não tendo formação na área de Letras ou Pedagogia, o que demonstra a extensão dessa discussão. Nesse contexto, cumpre destacar que, de acordo com as respostas dadas pelos participantes, ainda existem professores que, conhecendo a temática da variação linguística, responde e concordam com ideias de um modo de ensinar antigo e que pouco tem a ver com a realidade da língua. Muito embora ainda tenhamos essa resistência, é importante discutir e pensar que a mentalidade da escola e da sociedade podem mudar e as aulas de língua materna poderão falar sobre as características reais da língua.

Em suma, resta concluir ainda que os professores participantes desta pesquisa alegam conhecimento sobre o tema e discordam de ideias preconceituosas que circulam livremente na sociedade, o que aponta para uma nova realidade no futuro do ensino de língua materna, uma realidade em que a diversidade linguística, os temas sociais tenham espaço na aula e que não seja uma aula só de estrutura ou relações lexicais ou sintática, nem só de classificação, mas também de língua e suas infinitas conexões com a vida fora da escola.

Nesse contexto, o respeito pela diversidade, o reconhecimento da diversidade linguística precisa ser visto como algo natural no sentido de ampliar a competência comunicativa dos alunos.

Por fim, nota-se a importância de trabalhar a variação linguística dentro dos espaços escolares para desmistificar as ideias pré-concebidas a respeito da língua, minimizando assim o preconceito linguístico e contribuindo para formar cidadãos capazes de exercer seu papel na sociedade por meio da linguagem, sendo essencial que o professor tenha o preparo adequado para trabalhar o tema em suas aulas, valorizando as diversas possibilidades comunicativas, não se restringindo apenas ao ensino gramatical, mas exaltando a riqueza da nossa cultura.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: parábola, 2004.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: parábola editorial, 2019.
- BAGNO, Marcos. **Objeto Língua**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. Edições Loyola: São Paulo, 2017.
- BARRERA, Sylvia Domingos; MALUF, Maria Regina. Variação linguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. **Psicol. Esc. Educ**, v. 8, n. 1, p. 35-46, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília:MEC/SEB, 2017.
- CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (orgs). **Variação Linguística: contato de língua e educação**. São Paulo: Pontes, 2013.
- GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação Linguística e Ensino de Gramática. **work. pap. Linguist**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 71-91, Jan./Jun. 2009.
- MATOS E SILVA, Rosa Virginia. "O português são dois... ainda "em busca do tempo perdido". In. GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (orgs). **Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação de professores de língua**. Florianópolis: UFSC, 2006, P. 277-288.
- MATOS E SILVA, Rosa Virginia. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala x a língua que se ensina*. São Paulo: contexto, 2013.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- Paim, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. Salvador, Quarteto, 2019.
- ZILLES; Ana Maria Stahl et al (org). **Pedagogia da Variação Linguística: língua diversidade e ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua formação acadêmica/escolar?
2. Se você se formou em um curso do ensino superior, indique em qual curso você obteve o título?
3. Qual nível escolar você tem experiência?
4. Você já ouviu falar em Variação Linguística?
5. Você já ouviu falar em Preconceito Linguístico?
6. Você trabalha com o tema Variação linguística em suas aulas de Língua Portuguesa?
7. Você concorda com a seguinte afirmação? “O aprendizado do aluno está condicionado ao contexto social no qual esses alunos estão imersos?”
8. Para você a cultura do qual o aluno faz parte é um fator relevante para que o aluno desenvolva uma competência comunicativa?
9. Você acha que o aluno brasileiro não sabe falar?
10. Você acha que o aluno Brasileiro não sabe escrever ou ler porque os pais dele não sabem falar ou escrever?
11. Como você age quando os alunos riem da forma de falar de um aluno que não é da região? Sorrio também / Repreendo e digo que não se rir do colega / Digo nada para não constranger os outros alunos / Isso não acontece na minha escola / Precisa-se conscientizar os alunos sobre o respeito mútuo de cada indivíduo / Aproveito o momento para explicar a importância dos diversos falares existentes e a relevância de cada um.
12. “O aluno fala errado porque os pais e os irmãos dele também falam errado”. Qual sua opinião sobre essa afirmativa?
13. “Alunos que vêm de comunidades pobres e rurais têm menos chances naturais de aprender”. Qual sua opinião sobre essa afirmativa?
14. Você acha que a diversidade linguística e o preconceito linguístico devem ser discutidos no ensino fundamental-Anos iniciais
15. Você acha que os professores e a escola brasileira estão preparados para discutir a variação linguística e fazer dela um tema para sala de aula?